

O rio comanda a vida¹

Oswaldo de Oliveira Pantoja NETO²
Andreza Maria do Nascimento Farias da CUNHA³
Elizabeth GAUTHIER⁴
Gabriel de Souza OLIVEIRA⁵
Jéssica Xavier AMORIM⁶
Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES⁷
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

O livro “*O Rio Comanda a Vida*”, de Leandro Tocantins, é considerado até hoje uma das mais importantes obras sobre a Amazônia, ao tratar da influência dos rios na história do povo dessa região. Tendo em mente essa relação de dependência, buscou-se produzir um ensaio fotográfico a fim de investigar se o rio ainda comanda a vida do homem como Tocantins afirmava. Para tanto, escolheu-se a região do lago do Janauacá, no interior do Amazonas, como palco para observação e produção do ensaio, focando nos ribeirinhos que residem na região.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; ribeirinhos; rio; Amazônia; ensaio fotográfico.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Ensaio Fotográfico.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: netopantoja93@hotmail.com.

³ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: andreza.abba@hotmail.com.

⁴ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: bethgauthier@hotmail.com.

⁵ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: gaabriel.oliveira92@gmail.com.

⁶ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: jxamorim@gmail.com.

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: allan_soljenitsin@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO:

O ensaio fotográfico “*O Rio Comanda a Vida*” foi produzido no âmbito da disciplina “A Comunicação no Amazonas e na Amazônia”, com o objetivo de fornecer uma interpretação visual do livro de mesmo título de autoria de Leandro Tocantins, abordando a preocupação do autor quanto à importância dos rios e do regime das águas na vida das pessoas que moram na região e buscando investigar se, como Tocantins afirma, o rio ainda comanda a vida na Amazônia.

Segundo o Dicionário Aurélio existem várias definições aplicadas à palavra “ensaio”:

Ensaio. [Do lat. *tardio exagiu.*] S.m. 1. Prova, experiência: *O novo avião falhou logo no ensaio.* 2. Exame, estudo: *tubo de ensaio.* 3. Tentativa, experiência: *Fez um ensaio de falar, mas não pôde.* 4. Treino, treinamento: *Hoje há ensaio de jogadores; Os artistas submetem-se a muitos ensaios.* [Sin. (p. us.), nessa acepç.: ensaiamento.] 5. *Teat.* Treinamento das falas e marcações dos atores para seus papéis, e/ou repetição dos movimentos cenográficos, de iluminação, de sonoplastia, etc., objetivando a unidade, o aprimoramento e a perfeita execução da montagem. Ensaio2. [Do fr. *essai*] S. f. *Liter.* Estudo sobre determinado assunto, porém menos aprofundado e/ou menor que um tratado formal e acabado.

Ensaísta. [Do fr. *essayiste*] S. 2 g. Escritor autor de ensaios. (FERREIRA, 1999, p. 765).

Da primeira definição evidenciamos o aspecto experimental que envolve o termo. Apresenta-se como um treino, podendo se enquadrar em diversos universos. Seguimos então à segunda definição de “ensaio” e à definição de “ensaísta”.

As palavras de Hoffer (1983) são as mais claras e de fácil compreensão quando pensamos em uma simples definição para o ensaio fotográfico e uma reflexão sobre sua função na fotografia:

[...] seu impacto depende não só de imagens individualmente fortes, mas também da inter-relação entre estas imagens. [...] O formato pode assumir várias formas e tamanhos – de uma matéria em revista, de poucas páginas, a um livro bem maior, envolvendo talvez uma centena de imagens ou mais. Os temas também podem variar [...]. Uma qualidade que todos os ensaios têm é sua independência pictórica (estética). (HOFFER, 1983, p. 45)

É através do ensaio que o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema, e é importante que se sinta a singularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho. Ao mergulhar em um ensaio, o autor se vê

inserido em um processo que exige muito mais que a captura de imagens. Exige uma reflexão sobre a conexão entre estas imagens, sobre a edição que melhor pode expressar sua intenção no trabalho e sobre a apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro, seu apreciador.

Por outro lado, em se tratando de conceitos e definições, também podemos citar simples e diretamente a definição oferecida por Elias (2007, p.50), que denomina o ensaio como um trabalho fotográfico que “conta uma história, tem uma unidade entre as imagens e não é redundante, pois cada foto traz uma nova pose ou revela uma nova nuance”.

Por isso, para a produção de “*O Rio Comanda a Vida*”, empregamos o conceito que diz respeito às definições citadas acima e aceitas pelos autores, produtores e estudiosos do assunto.

2. OBJETIVO

O objetivo do ensaio fotográfico produzido é fornecer uma interpretação visual do livro “*O Rio Comanda a Vida*”, de Leandro Tocantins, buscando investigar se, como ele afirma, o rio ainda preserva esse papel na Amazônia.

3. JUSTIFICATIVA

Apesar de publicada originalmente em 1952, a obra de Leandro Tocantins é alvo de elogios até hoje por aliar uma linguagem literária a seu caráter de documento histórico, que traça um estudo da grandeza e da complexidade da Amazônia. Na orelha da quarta edição, por exemplo, Aragão (1972) chega a afirmar que se trata de “livro nuclear da Amazônia” e “luminosa síntese de pensamento e ação programática, que dimana de uma inteligência de longo alcance e alta competência no trato dos problemas da área amazônica, e, por isso mesmo, com direito a uma visão profética sobre o seu destino histórico”. Outros estudiosos alçam o livro à condição de obra-prima, conforme aponta Melo (2010): “Do ensaísta Leandro Tocantins é lícito esperar-se que venha escrever sobre a Amazônia obra que alcance a eminência da obra-prima. Essas palavras do proeminente sociólogo Gilberto Freyre vêm confirmar o que é o livro “*O Rio Comanda a Vida*”, uma obra-prima das letras amazônicas”.

A importância do livro de Tocantins encontra-se não só no seu olhar apurado e bem fundamentado sobre a região, mas também em seu tom profético, que já naquela época se preocupava com o destino da Amazônia – e se a vida humana iria, enfim, passar a

comandar o rio em vez do contrário. O autor expressa um medo decorrente das inovações tecnológicas e políticas desenvolvimentistas implantadas na região, e embora seja ele mesmo um progressista, teme pelas tentativas de dominação do rio. Ainda assim, fica evidente que, para Tocantins, mesmo em tempos de progresso, as águas ainda exercem seu poder sobre o povo:

Veias do sangue da planície, caminho natural dos descobridores, farnel do pobre e do rico, determinantes das temperaturas e dos fenômenos atmosféricos, amados, odiados, louvados, amaldiçoados, os rios são a fonte perene do progresso, pois sem eles o vale se estiolaria no vazio inexpressivo dos desertos. Esses oásis fabulosos tornaram possível a conquista da terra e asseguraram a presença humana, embelezam a paisagem, fazem girar a civilização – comandam a vida no anfiteatro amazônico. (TOCANTINS, 1972, p.278)

Essas considerações a respeito da relação homem-rio são feitas no texto que dá título ao livro, e que faz parte do conjunto de vinte e oito capítulos que podem ser lidos à solta, sem prejuízos à compreensão do leitor. Neste texto em particular, Tocantins ainda afirma que

O homem e o rio são os dois mais ativos agentes da Geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional. (TOCANTINS, 1972, p.276)

Logo se vê que a obra trata com propriedade dessa dependência que o homem – e o homem caboclo, ribeirinho, em especial – possui em relação ao regime dos rios. Porém, vale lembrar que o livro foi escrito em idos de 1952, e, portanto, um questionamento válido a ser feito é o mesmo que o próprio Tocantins já então fazia: o rio *ainda* comanda a vida?

Sabemos de antemão que, para as comunidades ribeirinhas e, principalmente, os residentes do interior do Amazonas, a afirmação ainda é, pelo menos em parte, verdadeira – o transporte fluvial, por exemplo, é a forma mais viável de deslocamento. Torna-se relevante, no entanto, analisar a reflexão de Leandro Tocantins: por causa dos esforços de dominação do homem, o rio ainda exerce seu poder sobre ele?

Para oferecer alguns subsídios à resposta dessa pergunta, optou-se por buscar interpretar visualmente a obra de Tocantins, através de um ensaio fotográfico. Afinal, trata-se de uma forma de contar a história de quem vive em comunhão com o rio, e até mesmo de levantar mais questionamentos, e não esgotar a temática. Vale lembrar também que proposta surgiu dentro da disciplina “A Comunicação no Amazonas e na Amazônia”, que tem como ementa justamente proporcionar aos alunos de Jornalismo uma visão mais

aprofundada da região, a partir da abordagem de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Nada mais apropriado, portanto, que experimentar a abordagem de um tema claramente importante através do olhar fotográfico.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para tratar do tema, a proposta foi subjetivar a lente da câmera para refletir o olhar do espectador, dando ênfase aos momentos que mostrassem as diferentes atividades realizadas pelos ribeirinhos e a relação dos rios e do regime das águas na vida dessas pessoas.

Algumas fotografias foram registradas em planos fechados, com detalhes para ressaltar alguma atividade, mas, em sua maioria optou-se por um ensaio fazendo uso de plano aberto, com a presença dos moradores da região e o ambiente que eles estavam inseridos.

Além disso, buscou-se um olhar mais poético, que dialogasse, mesmo em condições já dadas no espaço, com a luz, a perspectiva, a imaginação, o posicionamento. O foco foi dado nas pessoas e nas formas como elas se utilizam desse espaço e como com eles se relacionam, subjetivamente.

Na parte mais prática, foram encontrados problemas quanto ao local em que se fotografava, como movimentos bruscos e repentinos das “voadeiras” e questões meteorológicas como a chuva. Mas nada mais difícil que encarar o olhar do outro, quando este acusa a invasão do seu espaço com a lente da câmera.

O desenvolvimento de um ensaio fotográfico tem dois focos básicos: (1) como mediador entre o observador e a realidade que o rodeia, e (2) uma base de pesquisa de ordem técnica, que entende a fotografia como representação intermediada pelos artifícios técnicos da máquina fotográfica e das técnicas de composição. Desse modo, evocamos, no observador, uma articulação do seu olhar sobre a realidade como criadora de relações entre signos do ambiente e, igualmente, uma compreensão técnica da máquina e da linguagem fotográfica.

Como técnicas de pesquisa compreenderam-se a leitura da obra “*O Rio Comanda a Vida*”, de Leandro Tocantins que trata do tema do ensaio; encontros práticos para o exercício da ação fotográfica; apresentação e discussão a partir dos registros fotográficos; pré-seleção das imagens fotográficas; criação e desenvolvimento do *paper*; criação e desenvolvimento da apresentação do material.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a realização deste ensaio fotográfico, a equipe visitou ribeirinhos que vivem na região do lago do Janauacá, no interior do Amazonas, localizado a sudoeste de Manaus, em uma saída do rio Solimões, em torno de 110 km da capital do estado. Essa região se situa entre os municípios de Careiro e Manaquiri.

A expedição saiu de Manaus, do porto da Manaus Moderna, por volta de 7 horas do dia 5 de março de 2013, no Expresso Soares, chegando ao local de hospedagem por volta de 10:30h, o sítio Bom Jesus. Para chegar ao local, navegou-se por um pequeno trecho do rio Negro, até atingir o furo do Paracuúba, que deu acesso ao rio Solimões, passando, entre outros locais conhecidos na região, pela ilha da Mancheteria até entrar no Paraná do Janauacá, seguindo ao destino programado. Em outras palavras, a viagem feita já é um indicativo dessa relação de dependência do rio, uma vez que os caminhos terrestres, quando existem, são de difícil acesso, sobretudo no período chuvoso da região amazônica, que se estende, de modo geral, de dezembro a junho.

A empreitada durou dois dias e contou com a ajuda da família do senhor Amadeu Souza, proprietário do sítio Bom Jesus, localizado na região. Ele nos ajudou a entrar em contato com moradores vizinhos e suas realidades. Ressalte-se, no entanto, que o roteiro idealizado para a execução do trabalho precisou ser modificado várias vezes devido a fortes chuvas.

Quando o tempo melhorava íamos de uma casa a outra, deslocando-nos na “voadeira” do senhor Amadeu, que nos levou a reconhecer as várias relações que advinham da realidade desses ribeirinhos. Não só em práticas como a pesca, o comércio e as casas de farinha, mas também em atividades domésticas, como a lavagem de roupas ou de louça que aconteciam à beira do rio, basicamente sob a execução de adultos. Além disso, contudo, foi possível perceber que também as crianças viviam sob a concepção do “rio que comanda a vida”. Seu lazer acontecia a partir dessa influência, uma vez que as vimos brincar em canoas ou nas margens do rio, fora que elas também precisavam se deslocar nele para chegar à escola.

Em nossas conversas com os moradores, ficou muito clara essa dependência. O seu Jonas, dono de um comércio flutuante, por exemplo, declarou que a opção por esse tipo de estabelecimento se explica em função das mudanças do regime do rio: o flutuante acompanha esse regime e, seja na cheia, seja na seca, ele se torna acessível aos moradores

da região, muito embora essa acessibilidade seja mais difícil, sem dúvida, em período de seca, já que os clientes não têm como chegar à loja devido à quantidade de lama que se estabelece na região. No entanto, se o comércio ficasse em terra, o deslocamento teria que ser feito a pé, aumentando as distâncias para se chegar a ele nesse período.

E como a pesca comercial é proibida na região do Janauacá, os moradores pescam para autossuficiência, e declaram que em épocas de cheia, a quantidade de peixes diminui consideravelmente. Outra declaração que ressaltou ainda mais essa influência do rio veio do próprio Amadeu Souza, que falou que, nas cheias de 2009 e 2012, seu sítio foi invadido pelas águas, matando todo seu gado e suas galinhas, além de tê-lo obrigado a subir o piso de sua casa com tábuas, para que a água do rio não o alcançasse. As cheias também afetam, de modo direto ou indireto, as plantações de farinha, comprometendo, por vezes, o abastecimento e encarecendo o preço em função de uma oferta menor. É o que está acontecendo, neste ano, com o aumento em mais de 100% do valor de comercialização do produto em função da cheia histórica registrada em 2012.

Estimulados ainda mais com a possibilidade de resgatar visualmente como o rio ainda conduz a vida das pessoas na Amazônia, fotografamos cerca de 1400 imagens para selecionar 12 fotografias que pudessem retratar essa relação de dependência. Buscando personagens que caracterizassem as situações já citadas, foi composta certa linearidade em nosso ensaio. Por exemplo, a foto que inicia retrata o deslocamento das pessoas e suas bagagens, seguindo com seus modos de vida e suas atividades, e o ensaio é finalizado com um momento de descanso no fim do dia.

No momento de fotografar, não foi usado nenhum recurso específico da câmera para alteração das imagens. Preservou-se a luz natural na qual estavam inseridos nossos personagens. Apenas após a seleção das 12 fotografias é que se alteraram as imagens a partir do ajuste de curvas, para adaptar a tonalidade das imagens e seus níveis de brilho. Esse recurso foi utilizado para realçar nossos personagens e seus ambientes. Optou-se também por utilizar-se todas as fotos coloridas, com o objetivo de mostrar os vários tons que compõem os cenários da Amazônia, não só o rio em si, mas o verde da floresta, além das cores diferenciadas das casas do lugar em questão. As alterações foram mínimas para garantir uma maior proximidade com essa outra realidade que costumamos achar que já não existe.

No ensaio fotográfico “O Rio Comanda a Vida” percebe-se não só a influência vista por nós de modo estranho, diferente, mas também a naturalidade e organicidade da vida desses moradores.

6. CONSIDERAÇÕES

O reconhecimento desta realidade que não está assim tão distante é um dos legados mais importantes que esse trabalho vai nos deixar. Através do convívio e de uma abertura de horizontes, pudemos compreender esse “outro” que sobrevive de um jeito diferente do nosso, possibilitando a todos nós pensarmos que essa maneira de viver esteja enraizada de algum modo na nossa própria concepção. Na capital, o rio parece ser apenas paisagem, contorno, algo que enche e seca periodicamente, quase sem nos atingir. Impressão que só é revista quando ele se aproxima da nossa realidade por meio de noticiários, onde se vê as águas invadindo áreas urbanas e alterando seus mecanismos diários.

Por isso, acreditamos que foi importante o contato com pessoas que não apenas são “comandadas” pelo rio, mas apreendem melhor essas águas. Ainda que tenhamos começado com uma ideia de dependência, a verdade é que, apesar das cheias, a interação desse homem com o rio é mais pacífica, mais complacente, tendo em vista que até em períodos mais críticos o ribeirinho consegue adaptar-se do modo mais responsável possível.

A realização do ensaio também traz mais possibilidades de discussão desse ser amazônico para a disciplina “A Comunicação no Amazonas e na Amazônia”, ministrada pelo professor Allan Rodrigues, uma vez que ratificamos, através da lente e do convívio, quem são essas pessoas que costumamos ver alheias. Na verdade, como comunicadores, somos nós que estamos alheios. É responsabilidade do jornalista construir a ponte entre o ser e a notícia, porém o que acaba ocorrendo é esse enfermo desencontro. Assim, acabamos ficando incomunicáveis com uma realidade que está incrivelmente próxima de nós. Por isso, é preciso deslocar-se, desprender-se, para assim reconhecer outros reflexos dessas águas, os outros contrastes desta imensa Amazônia que tem o rio como sua principal estrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, J. Guilherme de. [Orelha]. In: TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. 4. ed. Manaus: Companhia Editora Americana, 1972.
- ELIAS, Érico. As virtudes de um ensaio premiado. **Fotografe Melhor**, São Paulo, ano 11, n. 131, p.42-50, ago. 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOFFER, Mary Jane. **Technical and aesthetic developments of the photo-essay**. New York, Columbia University, 1983.
- MELO, Isaac. **O rio comanda a vida – uma interpretação da Amazônia**. Alma Acreana. [S.l.], 24 ago. 2010. Disponível em: <<http://almaacreana.blogspot.com.br/2010/08/o-rio-comanda-vida-uma-interpretacao-da.html>> Acesso em: 28 fev. 2013.
- TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. 4. ed. Manaus: Companhia Editora Americana, 1972.